A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

NUMERO 28 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS E AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

A furia dos vivos entre a paz dos mortos!

(Pagina composta sobre rigorosas indicações dadas no local do combate por soldados que nele tomaram parte).

Eis um documento inédito do ultimo movimento revolucionario: o tragico encontro das forças combatente, no cemiterio da Ajuda, na madrugada de 19 de Julho. Entre as serenas campas onde jazem os mortos—os vivos, na sua imensa furia, combatem em nome não se sabe bem de quê...

O DOMINGO ilustrado

ANO I — LISBOA 26 DE JULHO DE 1925 — N.º 28

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA — EDITOR LEITÃO DE BARROS—IMPRESSÃO—R. da Rosa, 99

comentarios

A chuchadeira da taxa militar

Por mais boas intenções que se tenha para encarar a «coisa publica» em Portugal, não ha forma de a tomar a serio, sobretudo no que respeira á cobrança de determinados impostos. Uns pagam a taxa militar, outros jamais são incomodados para tal.

Dos que pagam, uns são massados pelos cobradores uma e duas vezes, em cada periodo coletavel e têm taxas maximas, outros abicham os minimos e se derem umas voltas por casa dos correligionarios, ainda são capazes de receber alguma indemnisação.

Talvez porque Portugal é um paiz vinhateiro, esta coisa dos taxados e não taxados, tem dado pano para mangas e . . . para muitos «casacas» . . .

A dança da suspensão

Entrámos em maré de toque de recolher. Os ultimos governos adoptaram como padrão unico, a suspensão de garantias com recolha obrigatoria a penates. Já varios colegas teem afirmado que não ha razão para os cidadãos ficarem, por um simples capricho de medrosos, sem as garantias (que aqui para nós é uma linda figura de retorica) e obrigados a jogar a bisca na pacatez tranquila da familia.

Os prejuizos que tal ordem acarrêta são enormes, e as vantagens . . . ainda ninguem as viu, tanto mais que são tantas as pessoas que possuem salvo conduto, que a vida de Lisboa pela madrugada . . . continúa como antes da ordem de não passar ninguem . . .

Os homens do badalo

Os escriptores Rodrigues, Bermudes e Bastos que agora se consagram, costumam escrever de colaboração, instalando-se em torno duma mesa e pondo por baixo desta, á altura dos pés, uma campanhia com badalo.

Qnando algum diz uma graça mais infeliz ou um trocadilho insuficiente, os outros ou o proprio, avançam com o pé e o badalo toca.

O processo do badalo, tão original e tão util, é quanto á nós o que falta na politica portugueza. Se quando se reunem os directorios a mesa estivesse apretechada com a magica sineta, e esta tocasse por cada desproposito asnatico que se ouvisse, quantas vezes não estenderia o pésinho o sr. Antonio Maria da Silva e não encontraria já lá talvez o pé dos outros politicos!

Porque, se na nossa constituição, o badalo está apenas nas mãos do sr. Presidente da Republica, a verdade é que um homem não é de pau.

DUVIDA INGENUA

SENHORA (N'uma camisaria):—Tem um colarinho para homem, n.º 34...

VENDEDOR:—Sim minha senhora, quantos deseja?

SENHORA:—Quantos? Essa agora... Então quantos maridos cuida o sr. que eu tenho?

questão prévia

FELIZMENTE não me fadou o Destino para a politica, no sentido muitissimo restrito que entre nós se dá a este terno nobre e tradutor dos mais inteligentes e alevantados instintos sociais. Da arte de governar os povos, orientando-os no caminho das realisações, de os aproximarmos do maximo da felicidade, a politica decaiu na arte de nos arreliarmos uns aos outros, deixando os povos seguir, sem qualquer orientação, pelas estradas mal empedradas da vida. Duma preocupação da inteligencia fizemos uma preocupação da sagacidade e assim vemos triunfar, nas chamadas lutas politicas, não os mais inteligentes, mas os mais espertos.

Eu compreendo a politica, a grande politica, chego mesmo a estima-la como uma das mais belas manifestações da actividade intelectual e não se justificava que eu por lá tivesse andado se da politica não formasse um alto conceito. Mas a politiquice, esta coisinha chicaneira e doentia, feita de habilidadesinhas, que é o pão nosso de todos os dias e que os jornais deviam banir das suas colunas, como propaganda deleteria, essa não me interessa, antes me repugna como uma barata esmagada ou um rato com trez dias de morto.

* * *

Nós outros, os que não somos do partido tal ou da facção tal e coisas, estamos aqui para um canto, como um mendigo leproso, a coçar as chagas com o seu caco e lá por cima, pelas culminancias sociais, nas companhias, nos bancos, nas altas funções publicas estão uns centos de senhores que falam em nosso nome para justificarem as suas situações e quando uns aos outros se pretendem desalojar juram por tudo que nos querem salvar, curar as mazelas, pôr-nos no são.

Quem os colocou tão alto? Quem lhes deu a missão de nos aliviarem das nossas miserias? Quem os incumbiu de serem nossos salvadores? Como justificarão eles a sua atitude, num dia de juizo, em que nós nos decidamos a ir até lá acima ou os forcemos a vir até cá a baixo, prestar contas dum mandato que ninguem lhes confiou?

Tomamos um exemplo, porque não ha nada como exemplificar para esclarecer.

Supunhamos que um grupo de portugueses, que o país inteiro se dirigia ao deputado, sr. João Camoezas e lhe punha estas perguntas simples;

—Em que serviu V. Ex.ª os interesses nacionais, fazendo um discurso de nove horas?

Decerto, aquele deputado não estaria habilitado a responder e não teria talvez—o que é pior—uma bagagem de obra realizada para se fazer perdoar o desperdicio de tempo e de feitio de que lhe iam tomar contas.

Porque o mal é este, excelentissimos senhores esteios da politiquice: é que Vossas Excelencias preocupam-se demasiadamente com os seus interesses partidarios, confundindo-os lamentavelmente com os do país e, portanto, esquecem-se de nós, dos que não estamos filiados e somos, afinal, o proprio país.

A quinze anos de Republica já não basta pôr a mão no peito e os olhos em alvo e exclamar: «O Povo»! A Democracia Triunfante! O Ideal em marcha!» e outros lugares comuns. E' preciso, pelo menos, desdobrar aos nossos olhos um plano de realisações, sempre que não seja possivel apontar com dêdo inexoravel uma obra realisada.

* * *

Os leitores desculpem esta cronica quasi severa, mas quando as cronicas parlamentares são humoristicas não ha outro remedio senão serem serias ao que deviam ser risonhas.

VERSOS DE NOVOS

BUSSACO

Aqui a Natureza é forte e viva.
Tudo nos fala piedosamente.
Ante o silencio da floresta ingente,
Minh'alma reza toda sensitiva.

Esta montanha enorme e compassiva
Que a mão de Deus ergueu, humildemente
Vai embalando um sonho reluzente,
Romantico na luz contemplativa.

Extactico e sonambulo, o arvoredo
Guarda um profundo e mistico segredo,
A par da voz Sublime que eu bemdigo,

Voz da verdade, voz da Solidão,
Que há seculos vem dizendo ao coração:
—Deixa a cidade, anda viver comigo! ...

ADÃO DE FIGUEIREDO

écos

Pendencia de honra . . .

Parece que esteve para haver um duelo entre os srs. Antonio Maria da Silva e José Domingues dos Santos. Chegou mesmo a já estar feita a escolha do campo, as pistolas que a seu tempo deveriam trocar as balas sem resultado, convidados os fotografos que guardariam para a historia a documentação fotografica do feito e até ha quem afirme, que já se tinha encomendado o almoço para padrinhos e convidados após a reconciliação dos duelistas. Por nós, lastimamos que o duelo não se tenha efectivado. Dava-nos uma pagina muito interessante . . .

O Bôdo das Comendas

Por deliberações dos Conselhos, passou a ser restricto o numero dos cavaleiros, oficiaes, comendadores, gran-cruzes e grandes oficiaes das varias ordens militares portuguesas. Achamos bem, muito bem mesmo, simplesmente nos parece a deliberação um pouco tardia pois se se proceder a um inquerito, vêr-se-ha que poucos são os portuguezes que não são condecorados!

Tal certeza leva-nos mesmo á propôr a creação de uma outra ordem: «A ordem das pessoas não condecoradas».

Vendilhões dos Templos

Ha tempos para cá, apareceram ás portas das egrejas, certos rapazolas com belo corpo para trabalho que, exploram a caridade e o espirito religioso de cada um, vendendo imagens de santos. Templo onde haja solemnidade, lá estão certos, os «camaradas» que, numa maneira hábil, pouco trabalhosa e simpatica para alguns, arranjaram forma de ganhar a vida sem esforço. Não discutimos a venda das imagens. O que lamentamos é que homens quasi feitos se entreguem a esse comercio, podendo dar o corpo ao manifesto em trabalho mais pezado. A venda das imagens não seria muito mais simpatica e até util, se fosse exercida por pessoas impossibilitadas de trabalhar? Não ha tanto infeliz cego, aleijado, que teria nos proventos que essa venda possa deixar, o pão de cada dia?

E esses rapazolas, com aptidões para serviço mais duro não encontrariam outra maneira de ganhar a vida? Cremos que com isso nada se perderia e sempre se aproveitava alguma coisa a favor dos que não teem nada.

Grande descoberta

Um preclarissimo ornamento do nosso Parlamento, o deputado Pinto Barriga (e ainda ha quem duvide da teoria da relatividade!) n'uma entrevista concedida a um jornal, declarou que Portugal não deve nada á Inglaterra.

Não comentamos. Apenas nos causa espanto como um unico homem pode ter tanta esperteza junta! A não ser que o sr. Pinto, ao contrario do aforismo, tenha menos olhos do que *barriga* . . .

BOA RAZÃO

—Aquele homem faz tudo quanto quer com o violino!
—Pois olha que já tinha tempo de fazer umas calças...

Crónica alegre

A Associação de Classe dos Revolucionarios Portuguezes

Se em vez de me dedicar a não querer saber de politica, tenho feito o contrario, a esta hora, o peor que me podia acontecer era estar rico. Não o quiz assim a minha sensibilidade e agora, choro na cama, parte mais ou menos aquecida de proposito para lastimarmos as asneiras que fazemos.

Por essa razão, não posso como desejava, aceder ao amavel pedido da Direcção da *Associação de Classe dos Revolucionarios Portugueses* que me enviou um oficio, rogando-me a redação de um projecto de lei que a defendesse.

Em todo o caso, sem perceber absolutamente nada de leis nem de coisas

associativas, sem entender patavina de codigos nem de outras mazelas porque se regem coletivamente os povos, vou tentar rascunhar o projecto, submetendo-o á apreciação inteligente dos leitores, como ensaio de mais largo estudo:

LEI PROTECTORA DA ASSOCIAÇÃO DE CLASSE DOS REVOLUCIONARIOS PORTUGUEZES

DISPOSIÇÕES GERAES

ARTIGO 1.º—Desta data em diante ficam prohibidas todas as intentonas, pavorosas, golpes de estado, sublevações e demais arranjos de empregos conhecidos pelo nome generico de revoluções, cujos corpos directivos não tenham participado ás repartições respectivas a hora e data do seu inicio, com oito d'as de antecedencia.

§ 1.º—Ficam desligados deste compromisso, quaesquer movimentos que tenham de rebentar por qualquer caso de força maior e sem tempo de se fazer a participação de que fala o artigo 1.º.

§ 2.º—A participação tem de ser feita em papel selado e com a assinatura de duas testemunhas idoneas.

§ 3.º—Nenhuma revolução se poderá fazer sem um fiador estabelecido que ficará pelo bom resultado do movimento.

ARTIGO 2.º—Nenhuma revolução poderá rebentar fóra da cidade de Lisboa.

§ 1.º—Os movimentos que tiverem necessidade absoluta de rebentar fóra da cidade, deverão ter um caracter absolutamente pacifico.

ARTIGO 3.º—Os directores do movimento obrigam-se a dar comida durante os dias que durar a contenda, a todas as pessoas que nela tomem parte.

§ 1.º—Alem das refeições usuaes, todos os revolucionarios terão direito a mais uma garrafa de vinho e dois charutos.

§ 2.º—Aos revolucionarios que, na ocasião da refrega, estejam a dieta, terá de ser respeitada essa alimentação.

ARTIGO 4.º—Nenhuma revolução poderá durar mais de quatro dias, salvo por motivos de fôrça maior.

§ 1.º—Motivos de fôrça maior entendem-se:

a) Atrazo na remessa de revolucionarios para os campos de concentração.

b) Mau funcionamento das armas de fôgo.

c) Brusca mudança de tempo não prevista nos boletins do Observatorio da Ajuda.

d) Doença subita de qualquer dos dirigentes.

ARTIGO 5.º—Os dirigentes das revoluções são obrigados á colocação de cartazes anunciadores do movimento em todas as esquinas da cidade.

DOS REVOLUCIONARIOS

ARTIGO 1.º—Por revolucionario entende-se sempre qualquer pessôa que não sabe fazer nada e precisa de ganhar a vida.

§ 1.º—Exceptuam-se desta designação, os menores até doze anos, os aleijados e as mulheres. Estas ultimas poderão contudo formar um corpo auxiliar que se chamará: «Corpo de mulheres para casos urgentes».

ARTIGO 2.º—Todo o revolucionario terá a seu cargo uma espingarda e oito bombas.

ARTIGO 3.º—Antes de entrar em qualquer movimento, terá de sujeitar-se a um exame medico e, só depois de se verificar que não tem juizo nenhum, poderá tomar parte em revoluções.

ARTIGO 4.º—Aos revolucionarios é defezo fazer qualquer coisa de geito.

§ 1.º—Exceptuam-se deste artigo todos os revolucionarios que resolvam matar-se uns aos outros.

ARTIGO 5.º—As pontarias das peças e espingardas devem ser feitas da forma seguinte:

§ 1.º—Nunca atirar sobre a estatua de D. Pedro IV, visto este monumento não fazer mal a ninguem e já estar farta de se agachar para deixar livre transito aos projeteis.

§ 2.º—Evitar a queda de granadas no Rocio, Rua do Ouro e Rua Augusta, para depois não haver desculpas da Camara Municipal.

§ 3.º—Os combates de fôgo, só se podem efectuar de noite.

§ 4.º—O dia será aproveitado para vivas e outras armas de arremeço.

ARTIGO 6.º—Se houver fôgo do mar para a Rotunda ou vice-versa, as balas terão de ser das maiores, pintadas de côres diversas e decoradas caprichosamente.

§ unico.—Haverá premios para as balas melhor ornamentadas.

ARTIGO 7.º—O governo poderá

alugar a explanada de S. Pedro de Alcantara, Penha de França e Graça, a todos os touristes que desejem vêr o trabalho.

ARTIGO 8.º—Todo o revolucionario em pleno uso dos seus direitos, poderá, findo o movimento, ir tirar o retrato para vir nos jornaes.

ARTIGO 9.º—O revolucionario que se impossibilite num movimento de entrar em outros, terá direito á reforma por inteiro e ao grau de cavaleiro-amador do Habito do Não Fazer Nada.

RECEITAS E DESPEZAS

ARTIGO 1.º—O Estado fica obrigado a fornecer todo o material necessario para as revoluções.

ARTIGO 2.º—Qualquer avaria em bens ou haveres, será indemenisada pelo Estado.

ARTIGO 3.º—Quando qualquer movimento triunfe, o Estado distribuirá pelos revolucionarios, empregos, logares de ministro no estrangeiro com o ordenado pago em oiro, cadeiras de ministro, concessões escandalosas etc.

§ unico.—Nenhum revolucionario poderá ganhar menos de dez contos mensaes.

ARTIGO 4.º—Afim de cubrir todos estas despezas, o Estado fica autorisado a lançar os impostos que quizer,

sobre todas as pessoas que empreguem o seu tempo a trabalhar honestamente.

ARTIGO 5.º—Qualquer movimento será intitulado: *«Revolução Salvadora da Patria»*

Fica revogada a legislação em contrario.

Henrique Roldão

Má língua

Devido a um atrazo nos correios não nos foi possivel inserir neste numero a brilhante secção que com este titulo o notavel poeta Tomaz Ribeiro Colaço mantem no nosso jornal. Os leitores que nos relevem esta falta.

BREVEMENTE

Uma colossal reportagem sobre

A TRAGEDIA DOS SEM-LAR

Uma noite no Albergue Nocturno

ESPERTEZA

—E o seu filho é esperto?
—Se é! Ainda não tem dois anos e já sabe que não ..do de França!

DOR DE VIUVEZ

—Minha senhora! Tenha resignação, não chore tanto o seu defunto marido!
—O' parva! Tu não vez que é da cebola?!

Sports

FOOT-BALL

OS CAMPEÕES DO MUNDO

VEMCEM POR 5-0

O Sporting Club de Portugal

Embora algumas boas vontades excessivamente audazes, alimentassem a esperança de um empate, o que seria uma honra enorme para o nosso meio sportivo e colocaria o foot-ball portuguez n'uma craveira invejada por quasi todos os paizes, o campeão do Mundo venceu de uma maneira absoluta, não tanto pelo numero de «gools» sofrido como pela forma de jogo, sua associação e processos.

O «Sporting» (peze a todos os que dizem o contrario) é sem duvida um dos nossos melhores Clubs.

O «time» dos leões, pela sua correção, jogo e demais predicados, tem vencido bem entre nós, mostrando nos desafios uma inteligencia pouco demonstrada pelos outros clubs.

Mas d'ahi, a alimentar-se que uma «chance» imprevista, colocasse o Grupo do Campo Grande em empate com o campeão do Mundo, era um arrojo de imaginação, desculpavel como amor pelas coisas nacionaes, mas inteiramente ilogico.

Os cinco «gools» marcados pelo juiz, foram em boa verdade a minima parcela do desafio. Só pelas jogadas, pela extraordinaria combinação, pelos remates, pelas passagens, os campeões de «foot-ball», venceram a grande distancia o «time» alfacinha.

Não trabalhou este como devia? Pelo contrario. A primeira parte foi superior, francamente boa, com fazes inteligentes; simplesmente os «campeões»... estão muito acima de tudo!

Estamos certos que outro qualquer «time» portuguez não fazia o que fez o «Sporting».

Os uruguaianos são tão extraordinariamente superiores que, não tendo a preocupação de meter bolas (manda a verdade dizer que se tivessem essa intenção o numero sofrido teria sido muito maior) limitou-se a jogar, a dominar a bola, a mostrar o seu jogo.

Muito se lucrou com a vinda do «time» campeão a Lisboa. O «Sporting» teve ocasião de se defrontar com a «elite» do «foot-ball», todos os aficionados tiveram um belo espectaculo e os nossos jogadores poderam aprender muito.

Sobejam razões para felicitarmos todo o mundo «foot-ball» portuguez.

Oxalá a ideia de mandar vir os melhores «times» se repita, pois com isso todos temos a ganhar.

SCHOOT

BOX

CRIQUI E NILLES

Os dois celebres campeões exibem-se hoje no Stadium

Pelo alto valor dos pugilistas, pelo renome de Criqui e pela justa fama que Nilles gosava ha dois anos, quando campião da França, os combates que hoje se realisam no Stadium, marcam como o espectaculo d'este genero, que mais caro se tem realisado em Lisboa.

O publico na ancia de vêr de perto os dois celebres campiões, de certo correrá ao campo do Lumiar. Mas... e aqui vae uma pergunta talve... um tanto indiscreta, mas perfeitamente justa, tanto mais que á hora dos combates já o nosso jornal andará ha muito na rua, saírá o publico satisfeito do campo?

Isto de combates de box, teem muita surpreza. Muitas vezes um campião de nome não faz nada, em outros um homem de serie, pode prestar uma bela batalha. Se é certo que Criqui foi o campião do mundo e isso basta para garantir a sua classe, não é menos certo que Mario Gall, um batalhador é verdade, mas cançado já e muito aquem do valor de Criqui, não poderá «deixar mostrar» ao celebre Rei do K-O, todo o seu valor. E' verdade que se trata de uma exibição, que isso para os entendidos é superior a um combate a valer, mas o publico, o nosso publico tão mal educado em espectaculos d'esta natureza, o nosso querido publico que exulta com o sangue do nariz e quasi pede a cabeça de um dos contendores, verá a demonstração como trabalho digno de apreço? Perceberá a extraordinaria classe de Criqui? Dar-se-ha por satisfeito com isso? Só o final do espectaculo o pode dizer.

Nilles vai encontrar Camarão, um jogador de murro com extraordinario fisico mas quasi sem noção alguma de box.

Do que lhe vimos fazer no Coliseu, deixou-nos uma impressão: a de não saber nada d'aquilo.

Se Nilles está em forma, o fogoso campião do Norte, logicamente não lhe poderá resistir um «rond». Mas se o ex-campião dos pezados francezes estiver em decadencia Santa, poderá resistir-lhe mais algum tempo. Isto é o que nos leva a crêr o que até á data temos visto e, qualquer pessoa mal alinhavada na nobre arte, só com muito bôa vontade poderá dizer que estamos errados.

Santa, é homem para levar muito sôco, mas Nilles era ha dois anos campião da França e tem um «record» invejavel.

Como estará Nilles?

Eis a pergunta em volta do qual gira a hipotese de Santa fazer bôa figura... como homem robusto...

CROCHET

CAMPO PEQUENO

CORRIDA DE BENIFICENCIA

OS TOUROS VIRAM-SE EM *PONTAS* E O SR. VICTORINO FROES EM APUROS—NIÑO DE LA PALMA, LEVA AS DITAS E MAERA II LEMBROU O DITO I.

A corrida organisada pelo sr. Governador Civil, para efeito de angariar receita destinada ás verdadeiras casas de beneficencia, obteve o resultado desejado, tanto na verba adquirida com a enorme concorrencia que encheu a lotacão, como pelo trabalho de todos os lidadores que não foi dos peores.

Os touros, todos desembolados, de lindas estampas e generosamente oferecidos por diversos lavradores, á excepção de tres que sahiram bravos, os restantes não permitiram que os espadas fossem além do que apresentaram o que já foi bastante e bom.

«Niño de la Palma», uma creança de muitos nervos e bastante habilidosa, executou uma faena brilhante, arrimando-se tanto aos touros que, após o seu trabalho de capote e muleta entrecortado de palmas e olés, teve uma chamada especial ao redor da arena.

«Maera II», irmão do saudoso «Maera», não ficou atraz do seu colega no manejo de capote e muleta, cingindo-se e adornando-se com tanta alma, que obteve tambem como «Niño de la Palma», uma estrondosa ovação e chamada especial.

No toureio à cavalo, sobresaiu Antonio Luiz Lopes, n'um par de ferros curtos distintamente colocados, sendo tambem importante o trabalho de Simão da Veiga, como sempre, e no 1.º touro farpeado por Ricardo Teixeira, foi notado o receio d'este cavaleiro durante o seu trabalho, que não foi mau, bem como a satisfação do cavalo e do montador quando o clarim tocou para findar a sua lide...

O 2.º touro, enfeitado por Luciano Moreira e Agostinho Coelho, recolheu ao touril com cinco belos pares de bandarilhas, que a assistencia aplaudiu com bastante justiça.

Dos restantes artistas pouco há que mencionar e passando á direcção da corrida, vou dizer de minha justiça: Bem andou a comissão promotora da corrida em convidar para a dirigir o grande mestre do toureio a cavalo e aficionado da velha guarda, Victorino de Avelar Froes, presentemente uma auctoridade no assunto, que n'esta corrida teve a infelicidade de errar quando mandou recolher ainda fresco o touro lidado por «Niño de la Palma», quando este foi colhido, levantando-se um chinfrim de tal natureza que o publico não permitia que a lide continuasse enquanto aquele touro não voltasse á arena para ser lidado por outro «espada». As almofadas e os insultos lançados sobre Vitoroino Froes, foram demasidos e só um temperamento calmo e ponderado como o do grande mestre do toureio, o manteve n'aquele logar, tendo que intervir a autoridade em seu auxilio e não consentir que voltasse o touro á arena, serenando depois os animos. Conclusão: Vitorino Froes errou, não há duvida, mas errou muito mais quem lançou vaias e improperios sobre quem pelo seu saber, pela sua educação e pela sua edade, devia ser mais respeitado, demais, n'uma corrida destinada aos desprotegidos da sorte, para a qual todos concorreram com um pedaço dc seu esforço, quer monetariamente, quer expondo a vida, sem remuneração, em frente dos perigos, ou ainda como Vitorino, na mais dificil das situações, como seja na «inteligencia», um dos peiores, senão o peior local a dentro de uma praça de touros.

Aparte esse pequeno incidente, resultante de uma falta não mal intencionada, Vitorino Froes dirigiu bem a corrida.

ZEPEDRO

O bandarilheiro Luciano Moreira, faz a sua festa anual no dia 2 de Agosto, em Algés, com um excelente programa, apresentando entre outros atrativos, um touro bandarilhado, com as duas mãos, a cavalo, por João Branco Nuncio. O beneficiado lidará dois touros embolados á hespanhola e a direcção da corrida será confiada ao ex-bandarilheiro Manoel dos Santos. No proximo numero publicaremos o programa definitivo.

Automobilismo

RAMPA DA PIMENTEIRA

Vae realisar-se em fins de Agosto devendo ser grande o numero de inscriptos.

Está já anunciada para os fins de Agosto proximo, a IV corrida da rampa da Pimenteira no percurso de 1.500 metros organisada pelo jornal «OS SPORTS».

A avaliar pelas adesões recebidas, é de esperar grande numero de inscrições tanto de Lisboa como de fóra. A estrada vae ser concertada e a organisação cuidada. Junto ao local da chegada, serão construidos palanques e uma garage para os carros.

A inscrição provisoria pode ser feita desde já em carta dirigida a «OS SPORTS».

A corrida será por categorias, sendo a primeira até 1.100 metros. Tambem haverá uma prova para carros de corrida.

TIVOLI
O GRANDE CINEMA. INSTALAÇÕES DE SUPERIOR CONFORTO. OS GRANDES FILMS MUNDIAIS RENOVADOS CONSTANTEMENTE.

FOZ
O GRANDE MUSIC-HALL. O ESPECTACULO MAIS VIBRANTE, VARIADO E MODERNO DE LISBOA.

Cinemas, teatros e circos

a festa dos 3 jornaes

SERÁ UM GRANDIOSO ESPECTACULO A QUE CONCORREM TODAS AS GRANDES FIGURAS DO NOSSO TEATRO

A festa dos três jornais, que os *Sports*, *A Revista de Teatro* e o *Domingo ilustrado* promovem no proximo mez de Agosto no teatro S. Luis, será alguma coisa de colossal e de inedito.

Grandes numeros, grandes supresas se preparam. Sobre os «tiros» de cartaz que já no outro numero publicamos e em que entrava a representação duma comedia inedita em um acto

UM ACTOR Á VOLTA DE SEIS PAPEIS

Replica á famosa peça de Luigi Pirandelo, e em que o principal papel será feito pelo eminente actor Alexandre de Azevedo, podemos acrescentar que entrará *Mario Duarte* como actor e a gloriosa Rainha da scena portuguesa, *Lucinda Simões, Guilherme Caupers* e *Nascimento Fernandes*, em canções populares e numeros de Music-Hall. *Chaby, José Ricardo, Alves da Cunha Amarante*, todos os grandes azes do teatro. *Palmira Bastos, Maria Matos, Ilda Stichini*, todas as grandes actrizes!

Será em fim, a noite mais alegre, mais cheia, mais moça que jamais se arranjou em teatros portugueses.

A festa da Flôr dos Clubs será dum exito colossal pois por ela QUALQUER ESPECTADOR PODERÁ RECOLHER A CASA COM UMA JOIA NO VALOR DE 2 CONTOS DE REIS.

Brevemente iremos dando mais pormenores.

Dr. Brito Chaves

O notavel clinico e eminente homem de sciencia dr. Brito Chaves, do Hospital de Santa Marta realisou ha dias, com inteira facilidade, a dificil operação da uretotemia ao actor do teatro Maria Victoria, Casimiro Rodrigues, que logo depois pode recomeçar representando. Em nome deste artista e gostosamente registamos o brilhante exito do dr. Brito Chaves.

Maria Victoria

A peça de actualidade, tão querida do publico, «Rataplan» com Laura Costa, a encantadora divette em numeros novos e sempre repetidos.

o momento teatral

AUGUSTA CORDEIRO

A ilustre actriz Augusta Cordeiro que tem um passado probo e impecavel de trabalhadora da scena, e que é, indiscutivelmente, uma figura de justo relevo, retirou-se da scena. E' de lamentar por varios motivos. Em primeiro logar porque podia ser uma dama central de primeira categoria e elas não abundam nos nossos teatros. Em segundo lugar porque sae de scena com um ar de vitima da imprensa que não gostamos de ver a ninguem.

Augusta Cordeiro é uma artista com o seu lugar conquistado com muito talento e meritos invejaveis. Queixa-se de os criticos a maltrataram quando apenas é certo que censuraram a orientação errada da sua bela actividade profissional que não devia ser prematuramente quebrada.

Parece-nos tambem pouco simpatica a sua atitude na escandalosa entrevisto de O Seculo de 6.ª feira onde esta artista se atira com unhas e dentes á ilrstre actriz Maria Pia de Almeida, sua colega no Nacional.

Seja-nos permitido fazer o voto sincero de que a ilustre actriz Augusta Cordeira volte a representar, para o lugar que ninguem faz favor em lhe dar—o de dama central numa companhia de primeira ordem, senão no teatro Nacional, onde tem todos os direitos a estar.

O golpe de estado da A. C. T. T.

Ha tempos, quando se reparou na A. C. T. T. que o tal diploma pedido pela Associação para «sanear a classe» (a frase é a uzada na assembleia em que se tratou o assunto) não satisfazia os fins em vista, dada a maneira como a direcção da A. C. T. T., tinha informado todos os requerimentos, um grupo de gente nova mas já afirmada nos palcos, pensou em dar um «golpe de estado» na Associação.

Tratava-se de eleger uma comissão com plenos e maximos poderes que posesse aquilo a «direito».

A «direito» dizia-se, era fazer o levantamento da classe, exercer em «Ditadura», o papel que o pedido dos diplomas não tinha efectivado, «correr» com os «sapos» e as «viboras» da classe, de umã maneira geral, elevar á categoria de artistas, os actores e as actrizes. Aparece a ideia da sindicalisação a deitar agua na fervura, e a conspiração fez pé a traz.

Procede-se á discussão do regulamento apresentado por uma comissão e... ante quarenta actores e actrizes (a classe, no dizer da direcção, tem 600!) provou-se que... ningnem se entendia e, o que é mais, todos temiam que a classe não cumprisse o que aprovava! Fala tu, falo eu, tornam a falar os mesmos, desaprova-se o que estava aprovado, faz-se o contrario para disfarçar e, ao cabo de umas tantas assembleias... tudo ficou na mesma porque os poucos que foram á discussão, temem e muito justamente, que a classe, afastada e alheada de tudo como anda, fizesse uma mais triste figura.

Novamente segredam os «conspiradores». Os apologistas do «golpe de estado», procuram adesões e, se o estado moral da classe não é bastante chamariz para arranjar conjurados, o estado de coisas a que chegou a séde da A. C. T. T., o facto de ninguem querer ser director de serviço, o monopolio dos serviços internos e até a frequencia, são convincentes argumentos na angariação de adeptos da ideia.

Dará o «golpe de estado» o fim que essa meia duzia de rapazes tem em vista?

Quem assistiu ás sessões onde se discutiu o regulamento da sindicalisação, tem grandes duvidas...

Z.

cá por dentro

—O novo teatro do Parque Mayer, «Variedades», será explorado no proximo inverno por uma companhia dirigida por Nascimento Fernandes e para a qual já foi contratado o actor Augusto Costa.

—Desligou-se por telegrama da exploração actual do Teatro da Trindade o emprezario José Loureiro.

—Do mesmo teatro deixaram de fazer parte os actores Santos Melo e as atrizes, Emilia Costa e Angela Barros.

—Ao contrario do que se tem dito, Tereza Gomes e Alvaro de Almeida, fazem parte do elenco do Politeama no proximo inverno.

—A peça «Leão da Estrela» tem mantido uma media de onze contos por recita.

—No proximo inverno, a empreza do Teatro Nacional do Porto, explorará o mesmo teatro com genero musicado.

—O Teatro Novo, continua a sua exploração no proximo inverno.

—Um grupo de capitalistas anda tratando a compra do Teatro da Rua dos Condes, para depois de fazer as obras obrigadas pela Inspecção de Industrias Electricas, o abrir no proximo inverno com exploração de revista.

—No Eden está em ensaios um novo quadro com que vai ser ampliada a revista «A cidade onde a gente se aborrece».

Ernesto Rodrigues
Felix Bermudes
João Bastos

UMA FESTA DE HOMENAGEM AOS ILUSTRES ESCRITORES

Realiza-se amanhã no Politeama, aproposito da 15.ª representação da comedia «O Leão da Estrela», uma brilhante festa em homenagem aos auctores de feliz peça.

Todos os admiradores da Parçaria e muitos são, vão ter motivo para testemunhar á feliz «trempe» o apreço que gosam no nosso meio teatral.

N'um dos intervalos serão impostas aos ilustres escritores as insignias de oficiaes da Ordem Militar de São Tiago da Espada com que S. Ex.ª o Sr. Presidente da Republica os agraciou e usaram da palavra, criticos e artistas.

O «Domingo Ilustrado», associa-se á consagração de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, testemunhando aos mestres do teatro alegre, o alto apreço que lhe merecem as suas altas qualidades de escritores e homens de teatro.

S. Carlos	S. Luiz	Salão Foz	Avenida	Politeama	Eden	Nacional	Apolo
Fechado temporariamente.	Fechado.	As maiores atrações de Music-Hall.	O «Lodo» de Alfredo Cortez com Adelina.	Enchentes com o Leão da Estrela da Parceria, com Chaby.	Admiravel espectaculo. A grande revista de André Brun. «A cidade onde a gente se aborrece»	Grande companhia, «Tio de Minh'alma» com José Ricardo e Ilda Stichini.	A operet «O Moleiro de Alcalá» com Emilia Fernandes.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

A LOURA DA COCAINA

Historia autentica. Só os nomes são mudados. Triste realidade da vida desconhecida de Lisboa. Talvez conheça a heroina da tragedia . . .

—QUERES tu uma novela para o «Domingo»?—perguntou-me o Victor—Vem comigo.

—Onde?

—Vem comigo! Verás a heroina e contar-te-hei a historia. Vem que merece a pena! Tomemos este automovel! Pelo caminho conto-te a tragedia.

Trepei para o «Ford». O «chauffeur», ouvida a direcção, abriu carreira direito a Queluz.

* * *

Uma enfermeira, de cinzento, uma expressão terna no olhar, amparava-a com carinho:

—Margarida! Então como estás?

A doente, vinte e dois anos cortados em pleno desabrochar de iluzões, fixava-o aparvalhada. O olhar apagado, n'umo extranha estagnação onde não havia um relampago de brilho, os dedos finos e curvos, terrivelmente descarnados, a face esguia onde os ossos abriam grandes saliencias, muito palida, de olheiras negras e profundas, o cabelo loiro desalinhado, olhava o Victor n'uma expressão de idiota. Mexeu os dedos n'um gesto de fantoche, tentou descerrar os labios n'um arremeço de sorriso. Depois inclinou a cabeça para a frente, cerrou de vagar as palpebras e quedou, sem um gesto, sem um movimento.

A enfermeira, abanou ligeiramente a cabeça n'um grande ar compungido e volveu os olhos para nós com tristeza.

Victor, impressionado, tomou-me o braço e levou-me para fóra da Casa de Saude. Na secretaria indagou da doente:

—E' um caso perdido! O veneno matou-a e a sua falta deve enterral-a por toda esta semana!

—Perdida, então?

—Não ha a menor esperança!

Tomámos novamente o «Ford». Meia hora depois, na «terrasse» d'um café, Victor contava-me:

* * *

Margarida viera parar ao Club. Na ancia do desconhecido, alimentando iluzões nas leituras nocivas e nos exemplos d'uma sociedade corrupta, uma noite deixou-se raptar, sentindo-se heroina de qualquer aventura banal que, no seu temperamento, tomava ares de grande caso e servia a sua maneira de ser, estupidamente educada. Oito dias de imprevistos e por fim, a historia de sempre. O raptor abandonando tudo e ela entregue á vida, a uma vida desconhecida e, no seu pensamento, cheia de belezas, de coisas novas, de aventuras.

Todo o dinheiro que arranjava era para ir comprar o terrivel veneno...

Rolou de braços para braços, de taça para taça, de beijo para beijo, em pouco tempo, a vida desordenada, a vida onde não ha amanhã, tomou-a completamente, encheu-a de tedio e vicios, de paixões doentes, de miseria.

Um dia, para se enganar a si propria, na febre maldita de fugir ao pensamento frio da verdade, buscou aturdir-se. Desvairou. As noites passavam em tumulto, entre o alcool e a fumarada dos cigarros. Esquecia um beijo com outro beijo, uma lagrima com outra lagrima. Na ancia de não pensar, procurava nunca estar só, frente a frente consigo propria. E as horas caminhavam á doida, sem rumo, enchendo de prazer falso grandes minutos de febre e tedio.

Mas o pensamento, focando a negra realidade, a turba-multa da vida, friamente, n'uma tortura cruel e implacavel, não fugia e aproveitava todas as coisas para lhe queimar o cerebro e os sentidos. Em vão se aturdia, em vão procurava viver depressa. A verdade espreitava-a sempre, justiceira e fria.

Uma amiga, um dia . . . que experimentasse, que era bom! Todas as mulheres chiques não desprezavam aquele requinte! E Margarida, n'uma vaidade enorme, alheada ao prazer do inedito, experimentou. Desagradou-lhe. Afinal aquilo não fazia nada! O tal prazer extranho, a tal sensação bizarra, era mentira!

Que não! Que a primeira vez nada se sentia, que experimentasse de novo e . . .

* * *

Era uma lucta enorme, formidavel! O veneno dominava-a completamente. Sem ele tinha a impressão de que sofria muito, de que não podia suportar a vida!

E vinha então a ancia, a obseção tremenda de cheirar o terrivel pó branco, lindo, alvo como a espuma de uma onda socegada, fino e leve como uma caricia! Mas muitas vezes não tinha dinheiro e então recorria a tudo, aos penhoristas, pedia emprestado, contraia dividas absurdas, muitas vezes era o dinheiro da pensão que voava na compra do funesto vicio. Depois vinha o prazer inefavel da posse do frasco. Acariciava-o, a tonalidade escura do vidro, brilhava-lhe aos olhos como um tesouro encantado, e então, n'uma alegria infantil, n'uma anciedade louca de prazer, aspirava o pó, branco de neve, alvo como a espuma de uma onda socegada . . .

* * *

Pouco se lhe dava que o vestido estivesse um farrapo. O seu cuidado, a sua constante obseção era arranjar dinheiro! Tão pouco! Vinte mil reis! Mas ás vezes custavam tanto a arranjar! E depois correndo como doida, lá ia para a porta do «Suisso» esperar o traficante que lhe explorava o vicio, a ela e a tantas, e que na venda clandestina d'aquele pó arranjava facil maneira de viver á grande.

Corria ao quarto onde tudo era desordem, desleixo, e n'um prazer enorme, toda se entregava ao tremendo mal.

A's vezes, chegava a ter ataques de nervosismo, quando não arranjava os vinte mil reis. Desceu ás ultimas baixezas para os conseguir, tornou-se capaz de tudo por uma miseravel nota de vinte mil reis.

Uma noite, a vontade era tanta que... roubou! O provinciano fez queixa no Governo Civil. Encafuaram-na n'um calabouço infecto, cheio de porcaria e de pragas de mulheres. O que ela sofreu! Mas, n'aquela tortura do calabouço, entre as chufas grosseiras das companheiras de prisão, olhando a comida nojenta que lhe serviam, sentada na imundice pegajosa que cubria as lages da pocilga, era o seu vicio que lhe esfacelava os sentidos, era a febre da falta do veneno que lhe abria os olhos em grandes espasmos de dor, que lhe roia os nervos n'uma vibração impossivel de conter!

* * *

Alguns amigos trataram do caso. Alguem a levou para longe, para um canto socegado da provincia. Mostrou-lhe exemplos fataes. Ela concordava, que teria juizo, mas . . . trez dias depois, fugia sem uma explicação, sem uma desculpa, para mergulhar de novo no lameiro em que tinha tornado a sua existencia.

Um dia, ao primeiro ataque forte do mal, encontraram-na no quarto, meia morta, os olhos sem brilho, a face n'um esgare de caricatura. O braço direito estava sem movimento, paralitico, e as pernas descarnadas principiavam um movimento de contorsão. Levaram-na ao hospital e durante as noites, nas horas tristes que passam pelas enfermarias como fantasmas, pedia em gritos que lhe dessem o veneno.

Os medicos examinaram detalhadamente a pobre doente...

Um amigo d'ela, tratou-a, fez-lhe sentir melhoras. Um pouco de socego, de calma, veio de novo até aquele coração. Carinhosamente, n'uma santa abnegação, trataram-na e ela, sorria contente. Certa vez porem, quiz ver se o mal ainda tinha algum poder sobre ela. A medo, n'um extranho medo de si propria, experimentou e de novo foi agarrada pelo mal que não perdôa.

* * *

—E agora? . . .—perguntei.

—Meteram-na n'aquela Casa de Saude onde a viste. Foi bonita! Eu conhecia-a ha trez anos, quando ela fugiu de casa! Era bonita! Loira, muito loira, tinha na pele uma frescura que encantava!

—Mas agora? . . .

—Não ouviste o medico?—e o Victor sorriu com tristeza.—Não vai alem d'esta semana! Pobre pequena! . . . Triste vida . . .

Para os nossos pobres

Transporte	30$00
Ulpiano	4$00
Valentim Moreti.	$50
T. S	3$00
George Sand . . . . , ...	$50
A voz que clama no deserto . .	1$00
A transportar	39$00

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

O irresestivel bailarino

Uma curiosa pagina da vida lisboeta, onde passa ainda o velho tema da desigualdade de castas e profissões. Sensibilisa, comove e entretem pelo pitoresco e interesse da narrativa.

CONHECEM «Le danseur inconnu» de Tristan Bernard?

Pois a pequena e saborosa anedocta que vai encher esta pagina é, salvas as proporções, a adaptação pitoresca, a redução de escala precisa—uma pequena aventura afin e paralela. Tem para nós mais o interesse de ser passada entre a nossa gente, esta gente com que nos acotovelamos a todas as esquinas, e que é bem nossa pelas mil pequenas coisas que a definem e a tornam inconfundivel e unica.

Iniciaram um «flirt» elegante e delicado...

* * *

No tempo dos romances dôces de Julio Diniz, o barbeiro, essa entidade do «mestre escama», era um simbolo. O homem cuja profissão consistia justamente em alindar os outros, no apartar da risca, no ondear da marrafa—oh! o saudoso e inesquecivel tempo do ferro de frisar, para o arranjo dos bigodes largos e seductores—o barbeiro antigo, de canudos e poupinha em rôlo formando um bico sobre a testa, o velho figaro lustroso de «cosmetico», que era relojoeiro nos intervalos e tirava dentes por favor, passou á historia! Pelo menos em Lisboa, essa fauna superior da tesoura e do pente, desapareceu!

Hoje um barbeiro é uma pessoa como qualquer de nós. Poderemos confundi-lo com um rapaz nobre ou com um fiscal das subsistencias. Usará fatos na moda, terá uma linha elegante e ocupará os «fauteils» nos teatros, como qualquer ministro de estado ou como qualquer negociante de viveres.

E, no entanto, é um barbeiro, pura e simplesmente, um homem cuja razão de ser é rapar-nos os queixos e que vive tranquilamente assente sobre esta pequena «coquetterie» dos homens: não ter pelos na cara.

* * *

Seriam umas dez horas quando o vasto Salão das Belas Artes se animou mais. Ha semanas que anunciavam a «Festa Japoneza», e todo esse mundo que em Lisboa anda como um bando passando de «snobismo» em «snobismo», lá estava caido, feliz por reencontrar-se e verificar que era nova a «toilette» da Zeca e que a «Bi Cardoso» ou «as Carvalhos» tinham mandado transformar os vestidos do inverno passado.

Anichavam-se as mamãs gordas em sitio onde não houvesse corrente d'ar, os ranchos de raparigas esperavam indecisos a avançada do primeiro «fox-trot», e os rapazes, parados em bandos de «smockings», iam deitando o rabo do olho para o par que lhes convinha.

* * *

Ninguem diria entre eles, que esse rapaz, imperturbavel na sua face glabra e serena, irreprehensivel no talhe moderno do «smocking», os olhos brilhantes e perturbadores, a unhas tratadas como um principe, fôsse o Julio barbeiro, o Julio Bailarino, como os colegas do oficio o conheciam, por essa velha furia que ele tinha nos clubs pela dança, e no prazer e no gosto que fazia nos tangos e maxixes sensuais em todo o bailarico que apanhava a geito.

Mas, elegante, distincto por natureza, o Julio estava á vontade naquele meio. Dir-se-hia que passava a vida entre gente da alta, e mais parecia um filho familia, rico e vivido, que um humilde oficial de barbeiro do Golden-Palace...

* * *

Manoela Samodar, Costa Pereira pela parte do pae, não usava o apelido deste.

A mãe tinha um nome sonoro e vagamente nobre, e o pae, negociante de tecidos na Covilhã, alem do plebismo daqueles seus dois nomes, dera-lhe, involuntariamente, entre as pequenas da alta, a alcunha da «menina do Cheviote». A Manuela era uma garota mimalha, a quem a mãe,—tipo destas mães que tomam atitudes de martir e levam a vida a lamentar-se—fazia tudo quanto ela sonhava querer. Cheios de dinheiro, não faltava a Manuela o menor capricho de luxo, desde aquelas comodidades que são admissiveis até ás fantasias perdularias e doentias.

* * *

—O Sr. Julio...

—De Campos.

—Mademoiselle Manuela Samodar.

—Muita honra em conhecer V. Ex.ª...

—Muito gosto...

—Dava-me a honra deste «Shimmy»?

—Pois não... com todo o prazer.

* * *

—Quem é aquele rapaz com quem está a dançar a Manuela? Não sei, mas aquela cara não me é desconhecida—e toda a noite, Manuela e Julio dançaram, ininterruptamente.

* * *

Na curva dum tango mais unido, os olhos dos dois encontraram-se. Imperceptivelmente Julio apertou-lhe um pouco mais a mão. Manuela baixou o olhar com um sorriso. Depois parou a musica e falaram de mil coisas.

—Acha que eu danço bem?

—Ai—lindamente,—disse ele.—Nunca encontrei quem acertasse tão bem comigo.

—Tambem gosto imenso de si... oh! de si!... de dançar consigo. E' tão raro encontrar quem seja leve...

Depois falaram das modas, e ele, considerando com ternura a cabeça suave de Manuela, disse-lhe: devia ficar-lhe bem o cabelo cortado...

E ela, logo: Acha? Já tinha tenção de ir cortar.—E assim estiveram até que se foram os ultimos pares e Manuela, envolta nas suas ricas peles, saltou para o automovel.

Julio ao despedir-se disse-lhe ainda:

—Agora nunca mais a vejo...

—Isso sim. Eu apareço em toda a parte. Olhe, amanhã vou ao concurso hipico.

—Até amanhã?

—Até amanhã.

* * *

Ao voltar para casa, Julio trouxe a rapariga no pensamento.

Decerto ela o havia tomado por uma pessoa com outra posição. Esse interesse permaneceria se o soubesse apenas um simples oficial de barbeiro? Sim, no dia em que o visse, de bata branca a rapar queixos, olharia Manuela para ele com aqueles mesmos olhos? E deitou-se com essa dolorosa preocupação.

* * *

—Quando vier o patrão previnam-no que eu não posso vir á tarde,—disse o Julio, que havia ido comprar o bilhete para o Concurso Hipico.

Mas nisto, o Araujo, o dono da casa, entrou e foi logo direito ao telefone que estava a tocar. E, ouviu-se ele dizer, junto ao aparelho: Sim minha senhora, vai já... Avenida Aguiar, 48.... é um instante... vai já. Depois, perguntou: Quem é que já foi almoçar? O Julio—você que já foi comer, vá á Avenida Augusto Aguiar, 48, cortar um cabelo a uma senhora, mas sem demora.

Eu?—balbuciou o Julio,—eu ia pedir para sair, porque tenho que fazer...

—Tem que fazer, ás horas do trabalho? V. não está bom. Ande vá lá depressa que é urgente, tome nota: 48, é o predio todo. E—o Araujo tornou a sair.

Maldizendo a sua vida triste, atirando a resmungar com as ferramentas, o Julio meteu-se no electrico e lá foi para as Avenidas Novas. Bem o podia esperar Manuela no Concurso.

* * *

—E' o barbeiro para a menina,—disse a creada na penumbra do grande corredor encerado, e logo uma voz fresca de dentro dum quarto gritou zangada:

—Mande entrar, mande entrar, julguei que nunca mais vinha!

Julio estremeceu: Era a voz dela.

* * *

—Queria cortado, assim...—e mostrava uma pagina da «Vogue» com um dos ultimos modelos...

E, quando ficaram sós, êle disse-lhe:

—Ainda bem que já hoje sabe o que eu sou na vida—não sou mais do que um barbeiro. Para que haviamos de ir talvez começar um romance triste para os dois. Está prompto... Fica-lhe bem. A's ordens de V. Ex.ª. São vinte escudos...

* * *

E Manuela nessa tarde, perdeu o alvoroço e não foi como tencionava ao concurso hipico, ver quem seria o irresestivel bailarino que conhecera no Baile das Belas Artes...

... e o Julio, muito nervoso, começou a cortar-lhe o cabelo...

CINEMAS

OS FILMS DA SEMANA

Izabel de Tudor—Este film, prestar-se-hia a longa dissertação sobre os processos muito particulares da sua técnica que, por se aproximar em demasia dos cánones, cousas que já não devem existir em cinegrafia, torna a pelicula assaz pesada e lenta em demasia. No entanto, a interpretação, a opulencia da mise-en-scéne e em particular a rica idumentaria apresentada, tornam «Isabel de Tudor» um belo «film» para grande publico, prejudicado pelas legendas falhas de caracter e de propriedade.

Edade critica—Este film de Menichelli possue raras qualidades de argumento que é forte, intenso e capitoso com uma narrativa pagã. O final tem grandeza tragica e a interpretação de Pina é soberba bem como soberbo é o trabalho de Silvio Pavanelli e Giorgio Fini. Os restantes interpretes, com pouca categoria e a enscenação enferma pela decopagem pouco intensa, se bem que tenha belas fotografias bem enquadradas.

Ricardito o felizardo—Aqui está uma pelicula que nada acrescenta á fama de Richard Talmadge, antes pelo contrario. As legendas são simplesmenta terriveis e fazem ancias. Porque não exigir aos tradutores que saibam português?

Mendiga de São Sulpicio—Boa série franceza sem favor. Films de tecnica originaes, procura de efeitos e no «cast» o explendido Maurice Schutz, o grande Charles Vanel a deliciosa Andrée Leionnal e muitos outros de primeira plana. O argumento, truculento... Xavier de Montépin.

O Filho bastardo—Uma producção da casa «Sweusk», firma que ostenta a supremacia europeia, na sua escolhida e reduzida producção. Este film não é dos melhores da «Sweska» mas é contudo um film de incontestavel valor.

Operações cirurgicas—Esta especulação ridicula e ousada, parece que tem dado os seus frutos materiaes. Como exibição cinematografica é uma vergonha e como especulação baseada sobre a anciedade doentia e morbida dos pervertidos, não ha palavras de censura que bastem.

ÉCRAN

Xadrês

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 27

Por F. Gamage (1.º premio)

Pretas (11)

Brancas (8)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

—

O problem de hoje é fundado no tema de multiplas baterias hetergoneas. Uma bateria real e dois pares de intercepções pretas Grimshaw.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 25

1 C. 7. T.

Este problema é um dos mais originais do tema de dupla fuga com capturas e de mates com promoção de pião.

(CONTINUAÇÃO)

Caracteristicas de cada uma das escolas.

Escola inglese—problemas em dois lances imponentes com grande numero de variantes.

Escola alemã—Dá uma forma perfeita a uma ideia muito profunda ou de grande relevo.

A escola norte-americana tem o seu campo de acção nos-task problemes-tours de force sur l'échiquier como dizem os francéses.

A escola bohemia nascida em Praga (Bohemia) tem por objectivo duas ou mais variantes com um alto grau de unidade economica, mates modelos nas principais variantes, posição inicial bela, liberdade aparente sem acumulação de peças ou posições não naturais.

Decifrações do numero passado:

Charada em verso: Metrificador.
Enigma: Pharis — Paris.
Charadas em frase: Irmanar—Poético.

—

CHARADAS EM FRASE

Num templo desta cidade americana, vi entrar um sujeito com uma grande comitiva—1-2.

•

Pelo escuro da noite, quem tiver de atravessar Lisboa está sujeito a sofrer alguma crueldade—2-3.

AFRICANO

•

Apre! não ha um caridoso que me ofereça um agasalho para me livrar deste tremor de frio?—2-2.

•

Num prompto, Camarão assenta um sôco no queixo do adversario, que o faz vêr as estrelas no ceu—2-2.

REI-FERA

•

Calca de vagar, manhoso—2-3.

•

Nesta ocasião sente-se o abalo da terra e o tremor do mar—2-2.

REI DO ORCO

•

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e enviada a esta redação.

— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

—Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

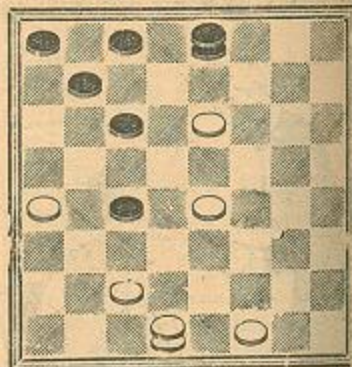
— E conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saída dos respectivos numeros.

Jogo das Damas

Solução do problema n.º 26

	Brancas	Pretas
1	18-22	25-18-9
2	11-16	20-11
3	17-22	26-17
4	21-7-20-27-5	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 27

Pretas 1 D e 5 p.

Brancas 1 D e 5 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 25 os srs. António Neto Junior, Artur Santos, José Brandão e dois aprendizes Duarte e Gonçalves. O presente problema, bem como o anterior foi-nos enviado por um anonymo da Beira.

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», *secção do Jogo de «Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

BOM ALUNO

—Cite-me um corpo opaco!
—Uma porta!
—Muito bem! E um corpo transparente?
—A mesma porta aberta!

Folhetim do «Domingo Ilustrado» *N.º 8*

As memorias duma „diwette"

por André Godim

CAPITULO VI

O ELEVADOR DA GLORIA

Ao fim de alguns dias porem, desliguei-me d'elas porque não tinha indumentaria bastante para fazer papel de dama de má companhia e contrai amisade com a Deolinda de Macedo que me deu muitos conselhos sobre a arte de ser uma grande actriz. Disse-me ela que o principal para ser «estrela», era arranjar «encrencas», e, seguindo-lhe os conselhos, para principiar, recusei o papel de «limonada de magnesia», que me tinham distribuido no terceiro quadro. Logo no dia seguinte o emprezario me veio pedir desculpa, que tinha sido engano na distribuição e pediu-me o especial obsequio de fazer uma rabula muito engraçada, que tinha uns versos muito espirituosos e uma musica lindissima. Fingi que aceitava para fazer favor e logo no dia seguinte fui tarde para o ensaio, não dando satisfações a ninguem.

Ao cabo de duas semanas, com tres papeis recusados, constantes faltas ao ensaio, faltas de respeito pelo ensaiador e outras graças, eu tinha os melhores papeis da peça, todos me tratavam nas palminhas e o Vasques, secretario, veio dizer-me que, em vez dos trezentos mil reis porque fôra contractada, a empreza dava-me dois contos por mez, festa com peça nova garantindo a receita em quinze contos, «side-car aturado e um lustre de quinze lampadas para o camarim.

Liguei-me (em parte) a um conhecido critico teatral que logo dias depois só falava em mim no jornal e me publicava o retrato em pagina dupla dez vezes por semana e, ao mesmo tempo, arranjei uns «flirt» intimos com o Vila Nova da claque, com o Fernandes contratador, com o maestro, com o ensaiador e com um dos auctores. Tinha assim o caminho aberto para ser uma grande actriz.

Na vespera do ensaio geral fiz grande zaragata por causa do camarim que me deram não ter frigorifico, facto que me valeu trez costureiras para o meu serviço e telefonia sem fios para me entreter nos intervalos e, no dia da primeira representação, exigi que se fizesse um cartaz com o dobro do tamanho e só com o meu nome, exigencia que, não só foi aceite por todos, como até a empreza me ofereceu um ramo de cravos para a solenisar.

Na primeira foi o diabo. O publico dizia que eu não tinha geito algum, que gritava em vez de cantar, mas o Vila Nova tinha reforçado a claque e os meus numeros foram bisados, o que motivou varios conflitos de pancadaria. No segundo acto sucedeu o mesmo, mas como na sala já estava um destacamento da «Legião Admiradora Das Actrizes Sem Geito», apesar da infernal pateada do publico, tive de trizar os meus numeros e creio que na plateia até houve mortes.

No final do espectaculo todos vieram ao meu camarim cumprimentar-me ofereceram-me champagne, e como eu tivesse um ataque de nervos mais ou menos sincero, logo ali se prometeu tirar grande desforra nas actrizes dos outros teatros e deitar a baixo qualquer peça em que eu não entrasse.

Na manhã seguinte, todos os jornaes publicavam o meu retrato e as criticas diziam que, se não fosse o meu talento de comediante, a peça não teria agradado.

Um critico dizia... que eu era... a pena com que de futuro... as revistas... teriam de ser ... escritas... Outro afirmava que a dinamica da minha expressão parecia um poente de safira estatica na penumbra angular de um ritmo de panejamento azul de harmonia vicentina adamascada de vitrais intimos e animicos e até o Alvaro Lima dizia que eu tinha principio, meio e fim e era muito homogenea. Um verdadeiro triunfo, um grande sucesso em toda a linha!

CAPITULO VII

SEMPRE A SUBIR

A' tarde fui procurada por uma velhota de aspecto duvidoso, que me fez umas propostas de que não vem para o caso a explicação.

Aceitei algumas, recusei outras e, dias depois, entrava para uma linda casa mobilada nas Avenidas novas.

Um velho qualquer, com todo o ar d'aquelas coisas que as lavadeiras costumam trazer á cabeça, oferecia a dita casa e mais seis contos por mez.

Esquecia-me de dizer que na segunda e terceira noite da peça, o publico não deixava de me patear o que não impedia que todos os meus numeros fossem bisados, pois a claque tinha sido reforçada com cavalhos marinhos e os Bombeiros Voluntarios da Ajuda tinham montado um posto de socorros no teatro.

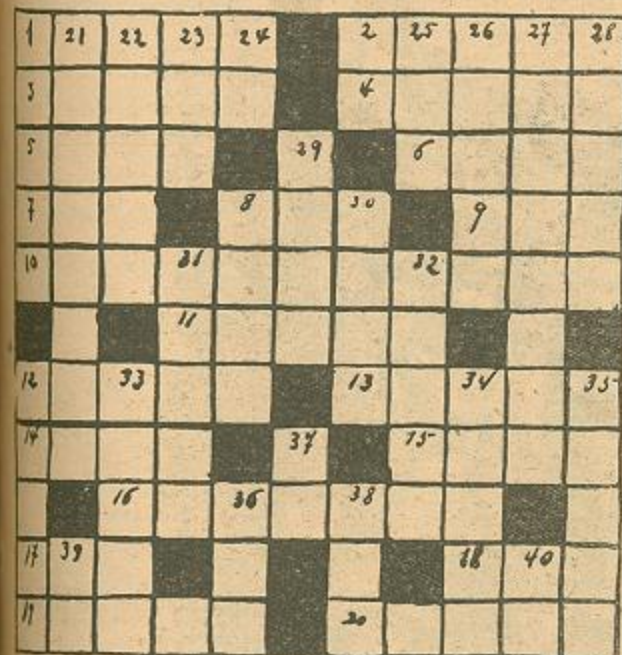
Entretanto eu tinha já feito mais exigencias.

Assim, todos os intervalos, a Empreza estava obrigada a mandar-me tres duzias de pasteis de nata e trez garrafas de «Champagne» ao camarim, sempre que eu entrava em scena a claque tinha ordem de fazer um oh! de admiração, e estadiava cinco automoveis e dois camions aturados pagos e enfeitados pela Empreza.

(Continua)

Palavras crusadas

O PASSA-TEMPO DA MODA

Relação Explicativa

HORIZONTALMENTE

1—manjar 2—prevaricam 3—gostava 4—nome de homem 5—alvo 6—construa 7—preposição 8—letras de levar 9—adverbio 10—metodica 11—doido 12—implorava 13—benefica 14—desgraça 15—devorador 16—garbo 17—mestre de creanças 18—amassa 19—nome de homem 20—safar (termo popular).

VERTICALMENTE

1—moveis 2—d as consoantes eguais 8—nome de mulher 12—estacam 21—faltares 22—imensidade 23—no Paraiso 23—batraquio 25—letras de amae 26—suportei 27—pequeno tanque para receber agua da nóra 28—estomago das aves 29—sugidade 30—animal 31—um dos signos de Zodiaco 32—recear 33—ofertante 34—imaginar 35—instrumento para apertar o focinho das bestas 3o—negativa 37—contração da proposição com o artigo 38—letras de pia 39—andava 40—suspende.

Decifrações do numero anterior

HORIZONTALMENTE

1—mar 2—aro 3—odor 4—amor 5—redil 6—aroma 7—máta 8—tára 9—rãs 10—asa 11—sal 12—pus 13—cama 14—anãs 15—sacar 16—sinal 17—oras 18—raia 19—lar 20—rãs.

VERTICALMENTE

1—mor 2—amóra 4—aras 6—ata 11—sacar 12—pás 13—cara 15—sol 21—ordem 22—rolar 23—Roma 24—ora 25—Rita 26—lás 27—amas 28—lar 29—unir 30—sanar 31—saia 32—lás.

O problema de hoje pertence ao sr. F. J. C. que muito amavelmente o enviou a esta redacção. Toda a correspondencia sobre as palavras cruzadas deve ser dirigida a: «Domingo Ilustrado», secção de Palavras Cruzadas.

A UTILIDADE DOS CONSELHOS DESINTERESSADOS E A MODERNA PUBLICIDADE

Os consultorios medicos dos jornais como o «Domingo ilustrado» costumam ser meros reclames de productos varios, explorados com mais ou menos inteligencia. Nestas condições o publico é sempre o enganado, porquanto tomo por desinteressados conselhos o que não passa de autentica publicidade redigida. Acabamos de entregar o nosso consultorio medico a uma entidade da mais alta competencia que pode prestar ao publico, sobretudo aquele que vive afastado dos grandes meios, relevantes e inestimaveis serviços.

Poderão os nossos leitores dirigirem-se-nos abertamente fazendo consultas para o que basta enviarem 1 escudo destinado aos nossos pobres. Alem disso terão normalmente uma pequenta crónica sobre palpitante interesse de saude, conselhos de higiene e tudo quanto se prende á nossa vida animica.

GRAFOLOGIA

o caracter revelado pela caligrafia

RESPOSTAS A CONSULTAS

MOESIS.—Caracter influenciavel, apaixonado, lial e constante. Boa memoria e sentimento de gratidão. Otimismo, boa saude, trato afavel, amigo dos seus amigos e generoso sem exagero. Gosta das coisas simples, aborrece o «futurismo», nervos fortes e bem equilibrados.

NURES.—Espirito inquieto e desconfiado, economia, prudencia, bom gosto para tudo. Muito orgulho de si proprio, ambições inconfessadas, quasi que até a si proprio. Falta de audacia e vingativo. Grande sensualidade.

S. V. C.—Boa vontade, nervos fortes, tenacidade, sabe mandar. Administra-se bem, inteligencia para as coisas praticas, não gasta mais do que deve. Repizador de frases, ordenado, desconfia um pouco de tudo.

TOM.—Espirito desconfiado, boa memoria, boa administração. Destinção, trato afavel, ás vezes um pouco ironico mas nunca grosseiro. Bastante sensualidade.

AUGUSTO CESAR.—Temperamento nervoso e activo, inteligencia desenvolvida e clara. Prodigo umas vezes... parco outras... como convem... Fala bem e tem espirito negociante, é constante e gosta muito dos seus. Ama o lar e o conforto, gosta de trabalhar mas parece-me... que se dá á boa vida...

BIJUCA.—Espirito inquieto e complicado, impulsivo e apaixonado. Vaidade, memoria, amigo do seu amigo, boa inteligencia mas um tanto preguiçoso. «Muito portuguez».

ISOLINA.—Bondade, inteligencia, dedicação e espirito artista. Bom coração, lealdade... Emfim, em toda a *minha* vida de grafóloga, poucas vezes tenho encontrado uma caligrafia tão demonstrativa de boas qualidades e de tanta nobreza de alma. Tenho a impressão de que são felizes todos os que a rodeiam.

TOMY.—*Vaidade* desmedida, habilidade manual, ordem e muita sensualidade. Boa memoria e habitos de trabalho, gosta de todas as mulheres, da *discussão* e das «apostas». Boa saude, otimismo, e muita ambição.

MARCO ANTONIO.—Ordem e aceio, tem força de vontade mas julga o contrario: Deixa-se *intrujar facilmente* e por qualquer. Só com muito *trabalho* toma uma resolução. Trabalha muito, *gosta* bastante dos seus e está já cançado de *lutar*. Muita reserva, alguma lialdade e, consequentemente, muito pouca sorte com os amigos...

ANTONIO LADISLAU PEREIRA.—Grande fastio pela vida, nervos trementes, dominados a custo, reserva, desconfia de tudo e de todos. Egoismo, muita habilidade para «intrujar» os outros... Principio de doença nervosa, um tanto de cobardia, vida simples e desigualdades de caracter.

C. M.—Caracter influenciavel, bom coração, boa inteligencia mas pouco cultivada... Ideias amplas e generosas, apaixona-se mais por caridade do que por sentimento. Boa memoria, ordem e por vezes alguma ironia.

NUNO DE ALCANTARA.—Ordem, bons habitos, espirito religioso e imaginação viva. Orgulho de si proprio, talvez do nome... Bom gosto, amôr ao conforto e á musica. Habitos de mando, predileção pela poesia simples, equilibrio moral e trato afavel.

CELESTE JORDÃO.—Ideias independentes, muita imaginação e fôrça de vontade. Mania de ser original, afeição á dança e bôa inteligencia. Prodigalidade, vaidade e reserva.

JOÃO CAMPOS BRANDÃO DE CARVALHO.—Nervos indomaveis, reserva absoluta, intuição mercantil e egoista por ambição. Inergico e destemido, pouca vaidade mas muito orgulho. Generosidade bem entendida.

CAVALHEIRO ERRANTE.—Vulgaridade, dedicação, generosidade bem entendida e constancia. Ideias independentes embora não demonstradas, digno sem vaidade, mais intuição que inteligencia, cuidadoso da sua pessoa e afavel.

HAROLD.—Mais esperteza que inteligencia. Grande sensualidade pela qual se deixa arrastar. Boa memoria, muita reserva de si e para os outros. Habilidade manual e habitos de bôa vida. Gosta da dança.

MARIA DE CASTRO.—Prazer pela imitação, muita preocupação com os outros e seria melhor se se deixasse guiar pelas suas tendencias naturaes. Lial e dedicada, Vaidade de futilidades, amor á recordação, distinção e originalidade no trato.

SILVINO LARES.—Complicações e hipocrisia, premeditação, recalcador de frazes, constancia e tenacidade. Intimamente vaidoso mas consegue não aparentar. Inteligencia mediocre.

LUCIFER.—Inteligencia pouco cultivada, espirito inquieto, alguma infantilidade e otimismo. Acanhamento, muita bondade intima, reserva, lialdade e amor á dança.

JORMAR (COIMBRA).—Impetuoso, de facil palavra e exaltações. Amor á discreção e a todas as artes, apaixonado e sensual. Tem grandes ideias mas é preguiçoso, sentimento da poesia,

CAMAFEU (COIMBRA).—Serve a analise anterior simplesmente alterada para um temperamento mais calmo.

PORTO TANTOS DE TAL.—Grande imaginação, por vezes ilude-se a si proprio, bom gosto para tudo, generosidade e ordem. Por vezes agressivo, quer ser reservado mas não pode, estetica espiritual e sentimento de poesia. Facilidade de palavra,

ARMANDO DUVAL.—Vaidade intima, inteligencia assimilavel, afavel e de frase pronta e galante. Muito sensual e apaixonado, habilidade manual e generosidade. Boa memoria, otimismo e está sempre descontente de si proprio, mas tem grande fé em que vai mudar.

A. FARRAPO.—Mediana força de vontade, amor á musica e exageradamente á dança. Vaidade propria da edade. Bom, dedicado, trabalhador, hade vir a ser um bom marido. Não é reservado porque não tem tido motivo para isso. Irrita-se com facilidade, não tem má memoria mas é preguiçoso para o estudo.

AGAPITO.—Imaginação viva e exaltada. tenacidade, frase viva espirituosa. Boa memoria, sentimento da poesia muito acentuado. Por vezes torna-se agressivo mas breve volta á normalidade,

POETA NABIÇA.—Sobre versos não se pode fazer um estudo concreto. Queira mandar seis linhas de prosa.

SHELL.—Espirito inteligente e ideias largas, bom gosto artistico, amor ao conforto. Nervos fortes e bem dominados, simples no trato, afavel e bom. Poeta mais no sentido da ideia que da forma. Ordenado, não vai mais longe que as suas forças permitem.

MOLI (?),—Leia o estudo anterior que lhe serve á maravilha

A. U. U. S.—Força de vontade e fortes nervos, actividade e inteligencia, bom gosto e forte sensualidade. Ideias largas e equilibradas, bom senso, amor ao trabalho. Boa memoria e curiosidade insaciavel de aprender.

MARGARIDA GOTIER.—Otimismo, inteligencia pouco cultivada, bom gosto intuitivo, caracter influenciavel. Desconfiança e orgulho. Amor á dança, aos versos e aos romances. Generosidade »muito bem «entendida!»

A DAMA ERRANTE

Muito importante.—São ás desenas as consultas que recebo todos os dias. Devido ao limite do espaço, não posso responder as todas cartas tão rapidamnte como desejam os consulentes. As cartas são numeradas pela sua ordem de recepção e as respostas seguem essa mesma ordem.

Peço por isso aos meus clientes um pouco de calma e paciencia...

D. E.

Quer saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhada de um escudo para—*«A DAMA ERRANTE»*.

RUA D. PEDRO V, 16,—LISBOA

Actualidades gráficas

NO TEATRO

HENRIQUE SANTANA, o habil e inteligente «meteur-en-scene» que inaugurou entre nós a unidade da direcção artistica no Teatro. Toda a montagem da peça actualmente em scena no Eden foi feita sob o seu unico criterio e mereceu de toda a imprensa e publico, merecidos louvores.

Actualidades Cinematograficas

AMLETO NOVELLI, o malogradjo astro da cinematografia latina cu a grande producção «Julio César» vae ser brevemente projectada entre nós em reedição explendida.

LESSÜE HAYAKAWA, o genial actor japonez que tão grande sucesso tem feito entre nós.

FIE CARELSEN

A Gentil e notavel actriz holandesa, que trabalhou no Teatro Real de Haya e agora se encontra em Lisboa de visita ao nosso país e respectivos teatros, donde levará gratas recordações pela forma penhorante como tem sido acolhida.

VIDA DESPORTIVA

Os jogadores uruguayanos após a visita á séde do «Sporting» na tarde de domingo ultimo. (Cliché Raul Reis).

JOSÉ BANDEIRA

Um dos principais nomes da comissão organisadora do novo Banco Metropole e Angola. Ao seu esforço se deve a entrada dos capitais holandeses no novo banco. Actualmente encontra-se em Haya, de visita a seu irmão o ilustre diplomata Sr. Dr. Antonio Bandeira, nosso representante ali.

PUBLICIDADE

BREVEMENTE A

A Novela do DOMINGO

O DOMINGO ILUSTRADO

Aceita agentes em toda a parte onde os não haja

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUESES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS ~ PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA ~ NÃO TEM POLITICA

"ROSAS!"

E' a deslumbrante apoteose da *Cidade onde a gente se aborrece.* Pelo brilhantismo do scenario, riqueza do guarda-roupa e frescura do corpo coral, esta apoteose marca como um dos melhores aspectos da triunfante revista do Eden-Teatro, que é hoje a grande nota de alegria e mocidade de Lisboa.